

## 'Nearshoring' abre oportunidades, mas gargalos preocupam

**Indústria precisa se modernizar para tirar proveito da reconfiguração na cadeia produtiva global; especialistas do setor no Paraná defendem revisão de políticas tributárias**

**Celso Felizardo**  
Reportagem Local

À margem da PR-444, em Mandaguari, município de localização estratégica no eixo Londrina-Maringá, está instalada a planta industrial da mais moderna biofábrica da América Latina. Com investimentos de mais de R\$ 100 milhões, a Superbac dispõe de estrutura em pesquisa e desenvolvimento em soluções biotecnológicas capaz de fazer frente a centros de pesquisa americanos e europeus.

Dentro do complexo de 400 mil metros quadrados, quase tudo é automatizado. Giuliano Pauli, diretor de inovação da Superbac, explica que, quanto menor o número de pessoas em determinadas etapas do processo, menor o risco de contaminação. Nos laboratórios, pesquisadores trabalham em atividades como sequenciamento genético e análise de solo. Já a operação de maquinário é toda remota, monitorada por um grande painel que dá informações precisas, em tempo real, de todo o processo. A empresa com sede em Co-

tia, na Grande São Paulo, atua há 26 anos no ramo de biotecnologia e há sete anos entrou no segmento do agronegócio, o que culminou com a inauguração da planta de Mandaguari, em outubro de 2021. Além do desenvolvimento de bio-defensivos agrícolas, a Superbac oferece soluções em nutrição, fármacos e saneamento. "A combinação da nossa biofábrica com o centro de inovação nos permite transformar esses desenvolvimentos de pequena escala em soluções de grande escala de forma economicamente viável", explica Pauli.

O exemplo da Superbac, no entanto, é uma realidade ainda distante para muitas indústrias brasileiras. Com inflação em alta, juros elevados e incertezas nas políticas públicas para o setor, a capacidade de investimento fica comprometida, o que impacta diretamente na competitividade. Em tempos de inteligência artificial e internet das coisas, se adequar à Indústria 4.0 é quase uma questão de sobrevivência.

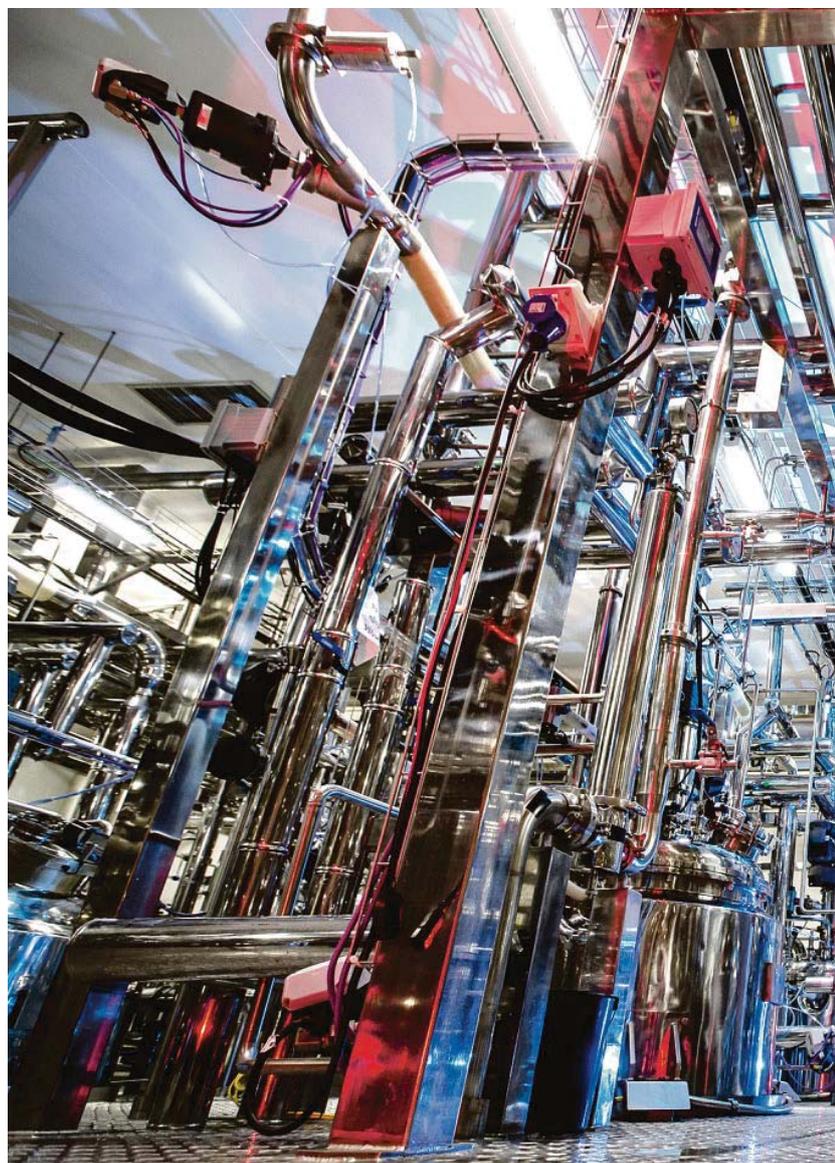
Especialistas da área são taxativos em afirmar que o momento oferece oportunidades

para a indústria brasileira. A pandemia da Covid-19, que expôs os perigos da centralização da produção na Ásia, e a guerra entre Rússia e Ucrânia, que traz em sua esteira disputas geopolíticas entre ocidente e oriente, deram origem a um movimento batizado de 'nearshoring', que consiste em trazer parte ou toda a cadeia de fornecimento para uma localização mais próxima, como um país vizinho.

### GARGALOS

Porém, para o Brasil se beneficiar com essa reconfiguração do mapa da cadeia produtiva global, é necessário eliminar seus principais gargalos. A modernização do parque industrial é uma destas condições elementares ao se analisar a demanda americana ou europeia. No entanto, o alto custo para novos investimentos e a dificuldade de acesso ao crédito é um entrave. Também pesa a insegurança em relação ao cenário econômico.

Marcos Rambalducci, economista da Acil (Associação Comercial e Industrial de Londrina), aponta que os empresários do setor estão se sentin-



do receosos de fazer os investimentos necessários para aumento da produtividade. "Em muitos casos, a distância para a Indústria 4.0 é grande, porque essas empresas não atingiram nem o 3.0. Aumento da produtividade é fazer mais com o mesmo ou fazer mais com menos. Por isso que a gente precisa da adoção da tecnologia. O fato é que, de um modo geral, nós continuamos atrasados e a nossa produtividade não tem aumentado. Com isso, nosso parque fabril tem ficado mais velho", expõe.

Um dos fatores que mais engessam o setor é a elevada taxa de juros, que recentemente foi mantida em 13,75% pelo Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central. O economista da Fiep (Federação das Indústrias do Estado do Paraná), Marcelo Alves, sugere a queda gradual e responsável da taxa de juros, a patamares abaixo dos 10%, mas diz que ainda não vê um cenário favorável para isso.

Para criar essas condições de gerar um recuo natural da Selic, o economista defende

## Modelo em capacitação, Senai coloca estudantes dentro da indústria

No ano da redemocratização, em 1985, a indústria brasileira respondia por 48% do PIB (Produto Interno Bruto). Após uma queda vertiginosa nos anos 1990, agora, quatro décadas depois, esse percentual está em 23,6%, com leve crescimento desde 2017. As discussões de um resgate do protagonismo industrial no país passam, inevitavelmente, por uma condição primordial: a formação de mão de obra.

De acordo com o Mapa de Trabalho Industrial 2022-2025, feito pelo Observatório Nacional da Indústria, o Brasil vai precisar capacitar mais de 77 mil técnicos em 2023 para atu-

ar nas oportunidades de base industrial.

O levantamento aponta que as vagas de nível técnico de formação vão chegar, ao todo, a 2,2 milhões de postos de trabalho, o que representa cerca de 18,4% do total do emprego industrial no país. Para o Paraná, o estoque de emprego projetado para 2023 é de 137.714 vagas, com 5.015 novas oportunidades (formação inicial).

A receita de sucesso de ensino profissional, voltado à indústria, o país desenvolveu há 81 anos, com a criação do Senai. "Não existe fórmula mágica. A metodologia é colocar o aluno dentro de um cenário



**Unidade do Senai em Londrina: plataforma é referência em educação profissional há 81 anos em todo o país**

industrial e fazer com que ele seja o protagonista das soluções de demandas industriais, para que ele conclua o curso sem nenhum degrau de aprendizagem", conta Victor André da Cunha, diretor de Educação do Senai Paraná em Londrina.

"Tanto na educação profissional, quanto no superior, os

alunos são desafiados a criar soluções para indústrias parceiras. Então, durante o curso, eles já estão dentro do ambiente fabril", acrescenta.

No ano passado, foram mais de 2,4 milhões de matrículas nas 27 Unidades da Federação. O Senai Paraná tem 50 centros distribuídos pelo Estado,

todos equipados com tecnologia de ponta. O que é preciso agora, segundo os analistas, é replicar o modelo, colocar fermento no bolo e ampliar o número de vagas. "Cerca de 90% dos nossos alunos saem empregados. O retorno é garantido, para eles e para o país", observa Cunha. (C.F.)